

## ENTRE O PÚBLICO E O PRIVADO: A PERSONAGEM ANITA GARIBALDI DE ALICIA DUJOVNE ORTIZ

Fernanda Ap. RIBEIRO (Unifal-MG)<sup>1</sup>

**RESUMO:** A autora argentina Alicia Dujovne Ortiz revive a saga da heroína brasileira Anita Garibaldi no romance *Anita cubierta de arena*, apresentando-a por intermédio da voz da narradora que enfoca os sentimentos e os pensamentos da protagonista. Assim, pode-se analisar a narrativa por meio da Crítica Literária Feminista, que se centra na experiência da mulher, como leitora e como escritora. Na obra em questão, o foco é a incompatibilidade das esferas pública e privada pelas quais a personagem Anita transita ao longo do enredo.

**PALAVRAS-CHAVE:** Anita Garibaldi; Anita cubierta de arena; Alicia Dujovne Ortiz; Crítica Literária Feminista.

**RESUMEN:** La autora argentina Alicia Dujovne Ortiz revive la saga de la heroína brasileña Anita Garibaldi en la novela *Anita cubierta de arena*, presentándola por intermedio de la voz de la narradora que enfoca los sentimientos y los pensamientos de la protagonista. Así, se puede analizar la narrativa por medio de la Crítica Literaria Feminista, que se centra en la experiencia de la mujer, como lectora y como escritora. En la obra citada, el foco es la incompatibilidad de las esferas pública y privada por las cuales el personaje Anita transita a lo largo del enredo.

**PALABRAS-LLAVE:** Anita Garibaldi; Anita cubierta de arena; Alicia Dujovne Ortiz; Crítica Literaria Feminista.

Lo que hace a cualquier pueblo es su memoria,  
lo vivido, soñado y sufrido en común.  
Una historia que pertenezca a todos,  
tanto al pueblo llano como a las clases altas.  
María Rosa Lojo. *Las Libres del Sur*.

O romance histórico latino-americano tem como um de seus propósitos o de reaver a memória coletiva e histórica por meio da releitura do passado e do reavivamento das figuras lendárias, resgatando personagens que, de alguma maneira, atuaram de modo expressivo, em conformidade ou não com o pensamento da época, e que os autores literários consideraram válido resgatar sua história. Muitas vezes, especialmente a partir dos meados do século XX, esses romances apresentam uma interpretação distinta daquela apresentada pela história hegemônica, mas permanecendo sempre o propósito de rememorar a tradição e, por meio dela, fortalecer a identidade do povo. Nesse trabalho, será apresentada a recriação ficcional de Anita Garibaldi – uma heroína brasileira do século XIX conhecida por sua coragem e por seu amor a Giuseppe Garibaldi, o herói da unificação

---

<sup>1</sup> fer\_congressos@hotmail.com

italiana – realizada pela escritora argentina Alicia Dujovne Ortiz no romance *Anita cubierta de arena* (2003).

As *Memórias* de Garibaldi são, praticamente, a fonte primeira da história de Anita. Ao longo de sua idade madura, Giuseppe Garibaldi redige várias versões de suas *Memórias*. A primeira é traduzida para o inglês e publicada em 1859. O escritor francês Alexandre Dumas entrevista o revolucionário italiano, em 1860, e teria ganhado dele um manuscrito contendo informações desde o seu nascimento até a Retirada de Roma, em 1849 – ano da morte de Anita. Nesse mesmo ano aparecem duas edições francesas das *Memórias de Garibaldi*, traduzidas do manuscrito original por Alexandre Dumas, a tradução para o italiano com a apresentação da baronesa Dudevant e a versão inglesa de William Robson. No ano seguinte, Elpis Melena traduz para o alemão as *Memórias*, com o intuito de ajudar a consolidar e manter vivo o mito Garibaldi. Uma vez retirado da cena política de seu país já unificado e depois de reescrever o trabalho várias vezes, Garibaldi consegue publicar aquela que considera a versão definitiva de suas *Memórias* em 1882.

A versão de Alexandre Dumas é uma das mais conhecidas e lidas. Quando ela foi publicada pela primeira vez, o revolucionário italiano já era considerado o herói da unificação da Itália. A descrição de Anita, nessa obra, é de uma esposa fiel ao homem que ama, uma mulher corajosa, que luta ao lado de seu companheiro – uma imagem tipicamente romântica, em congruência com a mentalidade da época. Nesse sentido, Garibaldi edifica o mito heroico de Anita, destacando que ela é uma mulher que irrompe no espaço público como vencedora e atua no espaço masculino como se fosse o seu próprio universo, sem referências do convívio dela no espaço privado. Essa figura de Anita como um ser feminino pertencente ao espaço público é repetida pelos demais historiadores depois dele que corroboram a solidificação da heroicidade de Anita Garibaldi.

No Brasil, a história de Anita permanece praticamente oculta no século XIX porque ela é uma mulher que infringiu as regras da sociedade patriarcal vigente na época para se amasiar com um revolucionário – o que se tornou uma dupla transgressão: Garibaldi, além de não ser o seu marido, era um homem que queria romper com a monarquia.

Com o fim do Império no Brasil e a implantação da República em 1889, a imagem

dela é evocada pelos historiadores, no intuito de promover heróis que lutaram pelo novo regime, com ênfase não somente à atuação de Anita Garibaldi no espaço público, mas também à sua participação no espaço privado, como mãe, esposa e dona de casa. O que se pretendia era oferecer uma imagem incorruptível de Anita, seja no ambiente doméstico, seja no chamado universo masculino.

Foi criado, assim, a imagem de uma personagem ambígua – um protótipo feminino exemplar na esfera domiciliar e uma heroína destemida na guerra – como se as funções desempenhadas no espaço público e privado pela mulher não tivessem entreciosos ou embates sociais.

Como foi comprovado<sup>2</sup>, a dualidade da figura feminina de Anita Garibaldi refletiu-se em obras literárias sobre Anita, pois se trata de uma mulher que rompe com as regras que estabelecem a opressão feminina e emerge em um espaço vetado às mulheres.

O tema da personagem feminina na literatura já foi discutido por muitos críticos, como Ruth S. Brandão (2006, p. 29), que adverte:

Marcada pela letra e pela materialidade dos significantes, é, principalmente, figura de linguagem e figura literária. Como fetiche, remetendo à ilusão de completude, que, se se cobre de letras, revela-se, entretanto, insuficiente para se definir. É necessário sempre mais e mais palavras para se dizer sobre ela que nunca se diz toda. Muda de posição no discurso, é percebida de diversas maneiras, encarna o pretendido enigma de uma feminilidade que se pode representar falicamente, mas que, se se mostra com adornos fálicos, estes, entretanto, são o brilho do que ela não é.

A história de Anita Garibaldi é marcada pela escrita desde o princípio, já que é pelo relato de suas memórias que Garibaldi edifica a primeira imagem de sua companheira, provavelmente não como deveria ter sido, mas sim como ele queria que ela fosse lembrada. Cada pessoa ou grupo que revivificou a memória de Anita teve um objetivo específico e deixou marcado na escrita a imagem que mais lhe convinha.

O romance *Anita cubierta de arena* também parte dos acontecimentos descritos nas *Memórias* de Garibaldi, mas acrescenta uma nova leitura desses fatos. O singular é a forma

---

2

Em minha tese de doutorado, Anita Garibaldi coberta por histórias, analiso quatro romances latino-americanos sobre a personagem Anita Garibaldi: *A guerrilheira* (1979), do brasileiro João Felício dos Santos; *Anita* (1999), do também brasileiro Flávio Aguiar; *Anita Garibaldi* (2003), do argentino Julio A. Sierra; além da obra aqui analisada, *Anita cubierta de arena* (2003), da argentina Alicia Dujovne Ortiz. Em todas as narrativas, verificou-se que Anita é descrita como uma personagem que transita entre o público e o privado, caracterizada com elementos masculinos e femininos.

como a narrativa reconstrói a história: valendo-se de uma narradora que usa o ponto de vista da protagonista, que narra em discurso indireto e destaca a forma como age e pensa, revelando seus conflitos interiores. Ou seja, o foco é a mulher, com seus embates pessoais frente a uma sociedade repressora.

A obra de Dujovne Ortiz tem a voz e a visão de uma mulher narradora sobre a trajetória de Anita, que ganhará uma nova leitura distinta do que é relatado na historiografia. O enredo inicia-se com a descrição da visita de Garibaldi à Manuelita Sáenz, amante de Simon Bolívar. Nesse encontro, Manuelita pede ao italiano que lhe conte o que ocorreu com Anita. Entretanto, o desabafo de Garibaldi não aparece no romance. O que aparece na narrativa é a história de Anita narrada em terceira pessoa, em discurso indireto livre, revelando, assim, outra visão dos fatos históricos. Por exemplo, sobre o momento em que vê Anita de seu barco e a procura em terra, Garibaldi afirma em suas *Memórias*, via Dumas:

[...] do meu bordo, eu descobria as belas jovens ocupadas nos seus diversos afazeres domésticos. Uma delas atraía-me mais especialmente que as outras [...]  
“Virgem criatura, tu serás minha!”, foi o que disse ao ter a jovem diante de mim (DUMAS, 2006, p. 90-91).

Nesse relato se pode perceber que é Garibaldi quem se interessa em ir atrás de Anita e a iniciativa é somente dele. Já a narradora da obra de Dujovne Ortiz apresenta outra leitura, descrevendo o que Anita faz para chamar a atenção do corsário e como ela se porta quando estão um frente ao outro:

[...] *frunce la cara para distinguir al marino que sigue mirándola con el antejo y, tranquilizada, adopta un aire ausente mientras con aparente distracción se baja un hombro de la blusa.*  
*Cuando lo ve llegar, se suelta el pelo [...] pero le da los ojos de frente* (DUJOVNE ORTIZ, 2003, p. 21).

Por esse relato, Anita participa do jogo amoroso, chamando a atenção do italiano para a beleza do seu corpo ao deixar à mostra o seu ombro. Quando ele se aproxima, ela não disfarça o interesse e, ao contrário do que fazem as mulheres de sua época, não baixa os olhos em sinal de submissão ou vergonha. Ela se mostra uma mulher distinta das demais de sua época, revelando seu interesse e seu desejo. A descrição da personagem feminina é mais parecida com uma mulher do final século XX, que toma atitude ou iniciativa numa conquista amorosa, tendo um grau de participação decisivo nessa etapa.

Enquanto a protagonista se preocupa com o seu bem-estar, ela “*goza de la perfección del amor y espera contemplar la de la guerra*” (DUJOVNE ORTIZ, 2003, p. 42), pois o amor e a guerra são os dois elementos que a unem ao italiano e que propiciam à Anita consideração recebida por ser mulher de Garibaldi.

O amor e a guerra também são elementos relacionados às esferas pública e privada. O amor pode ser associado a um ambiente fechado, ao relacionamento de um casal que se concretiza no âmbito familiar, e, como se pode interpretar pela leitura do romance, principalmente no leito conjugal. Já a guerra se realiza no universo público que, na sociedade de princípios patriarcais, é vedado à mulher. Contudo, Anita pretende romper essa norma social, não porque quer impor igualdade entre os sexos, mas para satisfazer a um desejo seu: estar ao lado do homem a quem ama.

Ao contrário do que as obras históricas normalmente relatam, afirmando que Anita Garibaldi é uma heroína que luta pelos ideais republicanos e que combate ao lado de seu companheiro por razões humanitárias, a narrativa descreve uma mulher preocupada com seu homem e que, se enfrenta a guerra, é por causa dele e não pelas razões pelas quais ele combate, como se essa atitude de dependência da mulher ao homem fosse louvável em pleno século XXI, após todas as conquistas das mulheres para a sua independência e valorização pessoal.

Desse modo, o romance se afasta da imagem que Garibaldi elaborou de Anita em suas *Memórias*, ao mostrar uma mulher que não tem, mesmo inconscientemente, os ideais de liberdade e justiça presentes nas lutas revolucionárias do século XIX. A obra tira Anita do pedestal de heroína, no qual ela é ovacionada, e dá-lhe dimensões humanas ao construir uma mulher preocupada com a sua vida amorosa, conforme se pode perceber na seguinte passagem:

*Garibaldi ya ha conocido en Sudamérica a más de una. Todas han hecho lo contrario. Mujercitas finas. [...] El que Anita invierta las cosas lo toma de sorpresa. Rato después, la criolla y el gringo se pierden tras las cabañas de pescadores. Si de algo sabe Anita es de necesidades. La de él la imagina, la suya la*

*conoce. Así que ha elegido un lugar amistoso para hacer lo que deben: una playita redonda y protegida por unas piedras romas del color de la carne* (DUJOVNE ORTIZ, 2003, p. 21).

O relacionamento de Anita com Garibaldi descrito no romance não se parece ao de um casal que vive nos anos de 1830, quando impera um grande tabu em relação ao sexo. Aliás, como assinala Antonio R. Esteves, a personagem se parece mais com uma mulher do século XX, que não tem o sexo como algo proibido ou perigoso, como a ideologia do século XIX faz acreditar que era: “Fogosa na cama, ela pratica uma sexualidade sem tabu, mais próxima do século vinte que da época em que viveu. As mais belas páginas do romance são aquelas em que o erotismo dá a tônica à narrativa, sob o foco da mirada feminina” (ESTEVES, 2007 b, p.77).

Contudo, Anita não incorpora os julgamentos e as normas sociais sobre a conduta das mulheres; ao contrário, ela tem uma sexualidade sem interdições, permitindo ser observada por seu amado, ao mesmo tempo em que ela também não se envergonha de olhá-lo:

*Ahora [Garibaldi] puede mirarla a sus anchas. Ella se deja mirar. Tiene un cuerpo sin melindres, un cuerpo que ignora las formas aprendidas. Sus pechos son pechos, sus piernas piernas, y él 195 empieza a decirse que también sus palabras – breves, escasas, claras – son lo que son. [...] Se deja mirar pero mirando a su vez, palpando y oliendo. Aunque no sepa de qué tierra sale Garibaldi, conoce el mar y le basta* (DUJOVNE ORTIZ, 2003, p. 22).

Essa é uma das grandes marcas do romance de Alicia Dujovne Ortiz em relação aos demais romances sobre Anita Garibaldi: o foco do enredo não se centra na experiência da personagem feminina na esfera pública, e sim na descrição de sua vivência no espaço privado, usufruindo de uma sexualidade prazerosa, sem interdições ou culpa por parte da mulher. Os conflitos vividos não são os exteriores, realizados em campos de batalhas pelos homens, mas o entrechoque dos desejos de Anita com as normas impostas pela sociedade às mulheres e, especialmente, a procura pela sua identidade.

A heroicidade da protagonista aparece relacionada à presença de Garibaldi, como se pode verificar no trecho seguinte: “*Su coraje es menos coraje cuando él no la ve, Anita es menos Anita cuando él no le dice con la mirada que ella es ella*” (DUJOVNE ORTIZ, 2003, p. 68). Isto é, ela se faz de heroína, de mulher corajosa, para se mostrar a Garibaldi e

poder provar-lhe que é capaz de segui-lo nas batalhas.

A bravura e a intrepidez não estão relacionadas com as ideias de liberdade, de igualdade e de pensamentos humanitários. Ao contrário, a personagem está pensando em si mesma, em querer ficar ao lado de quem ama, mesmo que o preço para tal ato seja enfrentar a guerra como um soldado. Assim, pode-se notar que a identidade de Anita depende da presença de Garibaldi, pois ela não é a mesma pessoa quando ele não está por perto. Sua coragem e determinação nas guerras provêm do fato da presença do italiano. Essa não é a primeira vez que a narradora relaciona a identidade de Anita com Garibaldi.

A personagem regula seu comportamento conforme a vontade de seu companheiro, no intuito de agradá-lo: “*Siamo diversi. Diversi, ¿entienden, señoras?, quiere decir distintos. Somos distintos. El vestido me lo pongo porque a Garibaldi le gusta, pero yo ya no soy una mujer como las otras*” (DUJOVNE ORTIZ, 2003, p. 63). Mesmo não gostando de roupas “femininas”, como vestido ou saia, Anita as coloca para agradar a Garibaldi e não por causa das regras sociais que também separam as vestimentas para homens e mulheres. A transgressão das normas sociais por Anita se dá não por ela querer a liberdade ou os mesmos direitos para homens e mulheres, mas por vontade própria, pois ela se submete ao desejo de seu homem e se deixa conduzir por ele.

Na Itália, Anita tem oportunidade de voltar a lutar ao lado de Garibaldi. Ao ficar sabendo do cerco dos franceses a Roma, em 1849, ela vai ao encontro de seu companheiro para lutarem juntos, mesmo estando grávida de seu quinto filho. Ao fugir da cidade, ela corta o cabelo e se veste como homem. Nesse momento, além de voltar ao passado, sua identidade é totalmente relacionada a Garibaldi, pois

*No es la primera vez que Anita está junto a José, frente a los otros, pero sí la primera que aparece como una versión de José, con su mismo sombrero de alas blandas y de penacho negro. Un José hombre y una José mujer. Un José de dos cabezas. No por doblez como Canabarro: por amor* (DUJOVNE ORTIZ, 2003, p. 205).

Nesse momento, a narradora explicita que Anita torna-se uma versão de Garibaldi, a mulher guerreira, uma espécie de duplo ou um complemento que forma com ele um ser andrógino. Se antes ela se sente incompleta e busca algo que a complete, já quase no final de sua vida, Anita acredita que sua identidade é Garibaldi, seu grande amor. Ela percebe que sua existência não será nada sem ele e, por isso, renuncia ser ela mesma para ser o complemento de seu companheiro. Ou seja, na busca de algo fora de si mesma, Anita se

descobre no outro, o homem, identificando-se com o objeto amado.

Nesse movimento em busca de algo fora de si mesma, na maioria das vezes, a mulher encontra sua identificação no homem e se conforma com tal achado, como algo natural, como se não houvesse outras opções. É assim que atua a protagonista, que se realiza ao ser uma versão feminina de Garibaldi. Por isso, diz-se que o romance pode ser classificado como “feminino”, utilizando-se a nomenclatura de Showalter, pois a mulher, nesse caso Anita, não consegue tornar-se independente do homem, Garibaldi.

O corsário italiano – que em Montevideu sente vontade de largar Anita e fica nas guerras mais tempo do que precisa, por não suportar as reprovações e os ciúmes dela –, por fim, cede à entrega total:

*A las seis de la tarde, las dos cabezas de Garibaldi, la de hombre y la de mujer, llegan a caballo la una junto a la otra. Pareja de estatuas. Qué pasa que también José de repente quiere que ella sea él, mostrarla galopando importante como otra él. Al fin se habría convencido de que Anita le agrega, y de que él se enaltece con no ser uno sino dos* (DUJOVNE ORTIZ, 2003, p. 206).

Aqui se recorda o mito do andrógino relatado em *O banquete, ou, do amor* (1970), de Platão. Aristófanes conta aos seus companheiros que, no início da natureza, existiam três gêneros da humanidade: o masculino, o feminino e o andrógino. Esse último era um ser esférico, com um tronco só, que tinha os dois sexos, quatro braços e quatro pernas, uma cabeça com duas faces situadas em lados opostos e era dotado de grande força e presunção. Os andróginos se voltaram contra os deuses e pretendiam escalar os céus. Assim, Zeus resolveu cortá-los ao meio, para torná-los mais fracos e vulneráveis. Eles se separaram e se espalharam pelo mundo, desorientados em busca de seu par, de seu complemento.

No último trecho transcrito do romance de Dujovne Ortiz, a personagem Anita é colocada como se tivesse encontrado a sua outra parte, formando com ela, novamente, a perfeição e resgatando o seu equilíbrio. Ao longo da narrativa, a protagonista se divide em querer ficar ao lado de Garibaldi e em buscar a sua identidade. Ao final de sua vida, ela percebe que os seus dilemas se fundem, porque Garibaldi é a sua identidade, e ele também aceita Anita como sua complementação, como algo que lhe é inerente e que o torna mais fortalecido.

Por causa do cerco que os franceses fazem à cidade de Roma, resta aos personagens que lá se encontram fugirem em direção ao mar, buscando uma saída. Durante a fuga, Anita



começa a sentir-se mal e piora após dormir uma noite sobre as palhas. Mesmo doente e sendo carregada no final de sua vida, ela não desiste de seguir seu amado.

Em *Anita cubierta de arena*, a autora elabora a noção de autoconhecimento, em que a personagem feminina está em constante busca de sua identidade. Contudo, ela não a encontrará dentro de si mesma, mas no objeto amado, no homem que ama e no qual vê a sua razão de existir.

Anita coberta de areia é a última imagem da protagonista no romance, a que dá nome ao livro de Alicia Dujovne Ortiz, cujo intento parece ser justamente tirar o pó que encobre a figura de Anita. O que se descobre não é a heroína celebrada por Garibaldi em suas *Memórias*, mas sim uma figura humanizada. Anita-mulher, eis a imagem da protagonista em *Anita cubierta de arena*.

## Referências Bibliográficas

BRANDÃO, Ruth S. *Mulher ao pé da letra: a personagem feminina na literatura*. 2.ed. Belo Horizonte: UFMG, 2006.

DUMAS, Alexandre. *Memórias de Garibaldi*. Trad. Antonio Caruccio-Caporale. Porto Alegre, L&PM, 2006.

DUJOVNE ORTIZ, Alicia. *Anita cubierta de arena*. Buenos Aires: Alfaguara, 2003.

ESTEVES, Antonio R. Imagens do Brasil em romances históricos hispano-americanos contemporâneos. In: SEDYCIAS, João (Org.) *A America Hispânica no imaginário literário brasileiro = Brasil en el imaginário literario hispanoamericano*. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2007.

LOJO, María Rosa. *Las libres del Sur*. Buenos Aires: Sudamericana, 2004.

OLIVEIRA, Rosiska D. de. *Elogio da diferença: o feminismo emergente*. São Paulo: Brasiliense, 1999.

PERROT, Michelle. *Mulheres públicas*. Trad. Roberto Leal Ferreira. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998.

PLATÃO. *O banquete, ou, do amor*. Trad. Prof. J. Cavalcante de Souza. São Paulo: DIFEL, 1970.

ZOLIN, Lúcia O. Crítica feminista. In: BONNICI, Thomas; ZOLIN, Lúcia O. (Org.) *Teoria literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas*. 2. ed. Maringá: Eduem, 2005. p. 181-203.